

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 31 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6635944>



Resumo

Este ensaio que apresento tem um caráter original. No interior de uma lógica fenomênica, será descrito o processo abstrato pelo qual o nada objetal, diante de sua autonomia, exerce sua função de manter o objeto íntegro ainda, apesar de estar fora da consciência e fora da relação com o objeto espacial. Nosso objetivo é descrever fenomenologicamente este processo. Nossos resultados iniciais sugerem que o nada objetal tem a capacidade de manter-se ativo mesmo estando sozinho. A metodologia usada é crítico-reflexiva.

Palavras chave: Lógica Fenomênica. Nada Objetal. Processo Abstrato.

Abstract

This essay that I present has an original character. Within a phenomenal logic, will be described the abstract process by which the objectal nothing, given its autonomy, performs its function of keeping the object intact even, despite being out of consciousness and out of the relationship with the spatial object. Our aim is to describe this process phenomenologically. Our initial results suggest that the objectal nothing has the ability to remain active even when alone. The methodology used is critical-reflective.

Keywords: Abstract Process. Objectal Nothing. Phenomenal Logic.

Como há de ser a realidade humana se o nada vem ao mundo através dela?

Jean-Paul Sartre

Parece loucura, mas podemos imaginar (não ainda afirmar) o *império* do nada objetal. Ele existe e está a todo momento presente e ele é a todo instante pertencente ao ser de nós mesmos. Este nada objetal encontra-se ou reside nas profundezas do ser. Dito isto, é impossível encontrá-lo naquilo do humano, em seu eu, em seu ego ou em sua subjetividade. Ele não é nada de concreto, ao contrário, é puramente um nada abstrato, um nada em que tudo ao seu redor não seria mais do que um nada. O problema é que sua ação se passa despercebida pois ela é invisível, abstrata e muitas vezes inconsciente. Não é o caso em que temos a possibilidade de encontrá-lo, não! Pelo contrário, ele nos invade, penetra-nos constantemente sem nenhuma ação ou ato psíquico. Ele sobrevive nele mesmo e por ele mesmo. O que tentamos descrever aqui não é o encontro do nada, mas o seu império, a sua pura, puríssima imediatez, o seu súbito e infalível contato com a corporeidade psíquica abstrata, com a abstração do puro fenômeno com sua camada transatmosférica, a sua absoluta existência e sua característica principal: a purificação de sua própria imagem objetal. Vale dizer que não estamos no

* Psicanalista e especialista em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail para contato: cesarinmind@gmail.com



campo do puro nada como a lógica hegeliana nos fornece (HEGEL, 2016). Estamos mais em um campo que possivelmente seja uma espécie de cultura do aspecto fenomênico-abstrato do nada objetual porque ainda carece na literatura filosófica atual uma descrição mais profunda deste aspecto que se passa despercebido.

Não seria aqui o nada puro porque este nada contém a não ser absolutamente um nada. Não nada de nada, mas um nada puramente um nada. Não há o que falarmos aqui do nada puro porque ele é tão somente um nada e nada mais. Em contrapartida, o que nos interessa aqui é a lógica fenomênica do nada objetual, este sim ainda é possível falar sobre algumas coisas. Começamos tentando demonstrar a sua aparição. Inicialmente, é ainda correto dizer que o nada objetual surge ou aparece do nada. Temos esta sensação “concretamente” quando por um milésimo instante nossa mente aterriza em um estado nadificado ou podemos dizer de um puro nada. Normalmente, este estado advém em um momento de profundo relaxamento ou meditação ou mesmo ainda quando estamos ocupado pensando, este nada “puro” surge subitamente e inesperadamente como um fantasma, porém um tipo de fantasma sem nenhum tipo de conteúdo psíquico, seria um nada puramente ele mesmo, um estado caracteristicamente vazio, um puro vazio ou uma pura pausa. Este tal aparecimento não tem como cronometrá-lo, pois temporalmente falando sua aparição é de todo modo súbita. Há ainda porque falar de estados puramente nadificados da mente com contínua nadificação quando estamos em estado profundo meditativo, estes estados podem durar mais sem nenhuma “invasão” de imagens mentais. Do que sabemos é que esta duração está longe de ser contínua, mas de todo modo são formas aparentes do nada que fazem com que não pensemos em nada, bem diferente ainda do estado dos sonhos em que o corpo fica estático e imóvel, mas a mente continua evoluindo a estados sempre recorrentes de imagens mentais.

Devaneando, refletindo, estes estados nadificados podem aparecer de modo autônomo, sem nenhuma ação da psique porque, como dito antes, eles surgem sem ao menos esperar. O caso dos nadas objetais (se pudermos falar em um conjunto de nadas objetais) é um pouco diferente. Vamos agora à sua lógica fenomênica. Enquanto o pensamento dura em seu pensar, vão se acoplando ou integrando ao pensar formas abstratas de aparecimentos de objetos (afinal o mundo é composto inteiramente de objetos de todo tipo e natureza). Paulatinamente, diante destes aparecimentos, muitas vezes súbitos, o objeto vai aos poucos ganhando uma nitidez, vai-se aproximando cada vez mais de um objeto característico mundano (HEIDEGGER, 2015), vai aos poucos adquirindo uma forma até se chegar à sua forma absoluta, íntegra e reconhecível: a de objeto “concreto” do mundo. Até lá, até o instante absoluto da aparição, este objeto fica lá e aqui, vai circulando, vem e volta não absolutamente, mas vai aos poucos sobrevivendo às sínteses fenomênicas, porque até lá não podemos falar ainda de sínteses perceptivas. Este tal aparecimento é parecido com a tentativa de focalização de um objeto físico através



de uma câmera fotográfica. No começo, o objeto é indescritível, tem pouca nitidez ou visibilidade e ao a câmera focalizá-lo ele aparece vivo, colorido e resplandecente. Nestes casos, o objeto seria um fantasma que aos poucos vai adquirindo uma “concretude”, vai tomando uma abstração mais corporificada, mais iluminada em todos os seus aspectos.

Será que no instante em que a mente capta o objeto inerte no espaço ele ainda continua nesta inércia objetal? Bem, não é bem assim. O lugar do objeto agora na mente é outro. Nossa mente consegue representar ou trazer para dentro de si aquele objeto inerte, porém, falando psiquicamente, este mesmo objeto sofre ekstases espaço-temporais quando é “absorvido” pela mente. No momento em que tal objeto já está na mente, ele sofreu intensas modificações (muitas delas inconscientes) recorrentes. Tais modificações devem obedecer às leis (onto)lógicas do pensamento. Mas, como assim? Com o objeto em mente, sua aparição se passa como efêmera e temporalmente infinitesimal, pois quando estou pensando em um objeto ou uma dada situação, imediatamente este mesmo objeto e esta mesma situação desaparece para dar lugar à outra representação e assim *ad infinitum*. O objeto aparecido na mente tem outra qualidade que não é mais estática, imóvel e inerte, mas viva, potente e automovente. Tal objeto é tornado vivificado, podemos dizer que sim ele tem uma vida, por isso dizemos que ele *passa a viver* em nossa mente. Este estado de “passar a viver” na mente já demonstra que o objeto inerte no espaço não é o mesmo que o representado na mente. Uma pedra na mente move-se, adquire uma nova cor ou forma, cresce, se multiplica, e quem sabe pode até balbuciar. A mente tem um poder, ainda desconhecido, de tornar vivo as coisas do mundo, tanto é que há graves patologias esquizóides de o sujeito estar revivendo permanentemente coisas, objetos ou situações na mente como se fossem parte do real.

Sobre esta representação das coisas na mente ainda hoje é um grande mistério. Husserl (2006) já dizia em suas teses que o objeto na mente representado não é mais um objeto qualquer, mas um *vivente*. Sabemos ainda que este objeto passado para a mente é um ser, ser este vivente, mas como é possível este mesmo objeto adquirir uma vida, puramente uma vida com todos os seus aspectos viventes? Dito de outro modo, como este objeto passa a ganhar vida? O que está por trás deste singelo ato de “adquirir vida”? Especificamente, não é qualquer vida, costuma-se dizer que é uma vida anímica. Todo objeto teria um *animus*. Um *animus* não apenas por natureza com um aspecto de “colorir” a vida terrestre, mas uma animosidade particular: a de na mente preencher o vazio desta com uma substância anímica. Será que de tal *animus* podemos dizer que ele advém categoricamente da alma humana? Tal animosidade seria característica da própria alma? Seria a nossa alma que daria ou forneceria uma “alma” ao objeto inerte? Mas, a pergunta seria: como e de que modo esta alma passa a fornecer vida ao objeto na mente? Suponho que por conta de nossa própria constituição ontológica ou por um mistério divino, o nosso corpo somático passa a ter uma vida por conta da nossa alma, a alma o penetraria desde a formação dos



primeiros indícios do feto uterino, desde as primeiríssimas células formadoras da vida humana. E que, a mente formada, todos aqueles objetos que passassem pela mente se tornariam vivos justamente por conta da intermediação da alma no corpo da mente. Este objeto que passa a ter “alma” na mente seria uma subespécie ou uma categoria mais inferior da alma humana já que esta seria uma pura originalidade.

A alma que dá a alma ao objeto. Seria um intercâmbio de formas anímicas da alma? Seria uma autoprodução de almas objetais pela alma superior? Todo o processo seria como que a alma pelo intermédio da mente sinalizasse esta da atual apreensão do objeto e fornecesse substâncias eidéticas ao objeto formando uma síntese produtiva ininterrupta de espécimes de objetos. O pensamento não pensaria sem a alma e nem a alma poderia existir sem o pensamento. É como se estas duas instâncias ontológicas estivessem imbricadas, é como se elas nascessem unidas, ao mesmo tempo, uma não vivendo sem a outra. O complexo da mente seria o complexo da alma. No caso, a mente “produziria” o objeto junto à alma que ajudaria a produzir a substância ativa da animosidade. O objeto representado estaria no limite da mente bem como e ao mesmo tempo no limite da alma. A força psíquica existiria por conta da força existente da alma. A alma faz com que o corpo e a mente passem a existir vivamente para, a partir daí, a mente passe a representar lampejos das substâncias objetais. Seria deste modo mesmo: o objeto convocado à mente surgiria em seu modo originário como espécies de lampejos, de fantasmas relampejantes que passassem a sobreviver na mente até que o pensamento pense outra coisa ou se desvirtue-se. O caso em que o objeto aparece à mente, a sua aparição é um real virtualizado, um processo cuja constituição sofreu ekstases espaço-temporais. O objeto vem a pertencer ao interior da mente como se ele se liquidasse ou passasse a se tornar uma substância que seria apreensível pela mente. Mas, como assim? Como a mente absorve este objeto? Como que aquele objeto inerte no espaço continua a sobreviver na mente? Seria o caso em que respondêssemos como resposta que seria o ato reflexionante, a faculdade imanente da reflexão? Seria o caso em que poderemos responder apenas que seria o estado reflexivo da mente? Mas, o que está por trás deste estado reflexivo? A mente pensaria apenas o objeto afim de preencher o seu vazio e ele apareceria ali nela vivo e resplandecente? Em poucas palavras, como se dá este estado de reflexão?

O objeto estando na mente, como ele passou para a mente? Tudo bem, a mente cria realidades objetais, mas o que está no interior desta imagem da realidade objetal representada no interior da mente? Este processo passa a transcorrer do nada? E onde estaria o nada objetal, objeto de nossa reflexão aqui? A inércia do objeto adquiri vida na mente, mas como? Seria o caso em que no contato da mente com o objeto, ela espelharia tão somente o objeto? Isto seria apenas a reflexão? Para aprofundar mais: o que estaria no interior da reflexão? Não do ato reflexionante, mas da pura reflexão? Porque suponhamos que



para que o objeto refletido esteja na mente, antes disso, houvera o contato com a pura reflexão, com o seu ponto originário. Dito de outro modo, o que estaria na origem da pura reflexão? O objeto seria tão somente refletido e pronto, como um passe de mágica? Da sobrevivência das imagens do objeto da mente sabemos que elas ficam por um instante conservadas na memória ou *lembrança pura* (BERGSON, 2010), mas o que é aquilo que garante tal sobrevivência? Que dimensão fantasmática é esta que quando olhamos para um jardim e como que entra de modo avassalador em nossa mente preservando sua memória? De onde vem esta força diretriz que direciona qual dos pensamentos eu devo agora pensar? De onde vem ainda as imagens objetais de outros contatos sem ser aqueles do objeto aparente à minha vista perceptiva? Enquanto o pensar se passa viria a ideia do objeto e no interior desta ideia conjuntamente a substância objetal, neste caso a ideia seria também uma representação? Ideia é representação? Suponhamos que a ideia venha a um mínimo intervalo de tempo antes da representação, é por isso que podemos falar de ideia da representação. Tenho a ideia de um objeto x e logo advém a representação deste objeto x. Esta ideia seria o ponto originário do pensar ou podemos falar de um pensamento que constrói uma ideia? A ideia seria anterior ou posterior ao pensamento?

Tenho a ideia desta mesa aqui. Suponho que esta ideia adveio do meu pensamento. Seria o caso em que o pensamento antes do ato de pensar seria anterior a todo tipo de ato psíquico? A ideia invadiria a massa psíquica do pensamento de modo autônomo? Ou é preciso do pensar? Mas, e se para pensar eu não preciso de uma ideia constante e visível a mim, pelo menos perceptível? Haveria uma ideia motriz motor da ideia do pensamento e posteriormente da ideia do objeto? A ideia estaria no pensamento, mas de todo modo eu não precisaria logicamente pensar a ideia, ela invade-me absolutamente. Seria o caso em que a ideia puramente ideia se ramificaria em uma ideia pormenor e são estas ramificações da ideia superior motor e absoluta que produziria por ela mesma a ideia que eu tenho agora da mesa? No entanto, esta ideia da mesa aqui eu tenho porque a ideia investe-se de representações as mais características para produzir enfim a ideia psíquica do objeto mesa. Olhando ou não para o objeto mesa, eu tenho em mim esta ideia, ela sobrevive em mim, mas não é esta a ideia pura da pura originariedade, é uma ramificação ou um tentáculo da ideia pura que junto à representação e junto à reflexão provocou a ideia do objeto mesa. Conservo esta mesa aqui em minha memória porque tive a ideia de representação e a representação propriamente dita da mesa. No caso do objeto refletido mesa a reflexão ou o ato reflexionante participou tanto do processo de idealização da representação da mesa como do processo de representação ela mesmo. O conteúdo psíquico do objeto mesa contém inicialmente sua ideia motriz, a ideia nela mesma, desta ideia se produz a ideia da representação e posteriormente a ideia do conteúdo representado.



Assim como a ideia por excelência constitui ela mesma sua autonomia, a representação também pode ser pensada como um processo puro que aos poucos vai se desintegrando e posteriormente integrando os campos psíquicos da representação do conteúdo representado. Eu não penso em um objeto como uma mesa e ele vem subitamente sem qualquer modificação nele próprio ou algum tipo de mudança ontológica. Não. Para que um objeto possa ser representado, há antes a possibilidade de existência da representação pura para só depois o conteúdo ser representado. Depois do aparecimento da ideia, surge então a representação pura produzida pela ideia, porque é precisamente esta representação pura que em si constituirá de seu constituinte em si uma representação do conteúdo representado. Em poucas palavras, seria ideia de representação da representação da representação do conteúdo representado. Assim como Kant (2015) havia nos testemunhado da existência da coisa ou o objeto em si, há claro a ideia em si e a representação em si. A partir de uma transformação da representação em si, como se, com o ato psíquico de representação, a representação em si se desloca-se com o movimento modificador próprio do conteúdo representado e estivesse dentro do conteúdo representado. Assim sendo, a representação pura passa a conter a representação do objeto representado. Dentro de si puramente, é uma representação por excelência. O caso é que a representação pura *doa* a sua “arquitetura” representacional ao conteúdo psíquico representado. É como se a representação pura fosse a *base* da relação e transformação do conteúdo em representado. A lógica fenomênica da representação seria mais ou menos assim ao meu ver: primeiro se tem a ideia que aparece de forma autônoma, é no caso (se pudermos falar assim) uma luz, um ponto-luz que surge à mente sinalizando-a de que alguma coisa vem por aí. Depois e ao mesmo tempo, a ideia transforma-se em ideia de representação dando corporeidade à representação pura que desta é doado não uma parcela, mas ela por inteira para a representação do conteúdo representado.

O objeto seria *sobrevivente*. Sem a mente, ele seria também “vivo”, mas sem o seu teor abstrativo com sua constituição própria da mente. Para cada ser vivente, o objeto passa a ter uma tonalidade, ou melhor, uma constituição única. Tudo vai depender dos vários e infinitos níveis de abstração de cada tipo de subjetividade ou da massa pensante. Um pássaro que eu vejo voar tem uma receptividade para o meu eu bem diferente daquele que cuida de pássaros no zoológico ao ar livre. Sendo assim, o meu conteúdo psíquico do pássaro representado em mim me indica alguns caminhos de significação dos quais eu posso inferir que: “como aquele pássaro é parecido com o que eu vi no jardim de minha avó”, enquanto que o pássaro representado no zoólogo adquire um outro conjunto de complexidades de significações que o faz comparar ou relacionar, por exemplo: “como as asas deste se assemelham àquele”. Quanto mais conheço um objeto, quanto mais familiaridade e uma certa existencialidade com este objeto, mais o conteúdo psíquico representado em mim passa a adquirir cada



vez mais de modo ascendente uma singularidade e, dentro desta singularidade, complexidades abstratas cada vez mais complexificadas. Penso o pássaro. Não estou em nenhum jardim ou lugar o qual me convoca a representar este pássaro. Estou dentro do meu quarto, mas penso voluntariamente em um pássaro. Como dito antes, é possível que este objeto advenha de minha memória episódica no contato com outros pássaros, pois tudo que passa a ser representado em mim, eu logicamente tive uma experiência prévia com este objeto. Logo, eu não penso o pássaro do nada, ao contrário, ele aparece a mim relampejantemente, mas com caracteres próprios de um pássaro. No aparecimento do pássaro, ele não surge a mim de modo íntegro. Como dito antes, a imagem objetual dele no começo, bem em seu ponto originário é um minúsculo objeto do qual não consigo ainda captar. Só depois, aos poucos, em instantes que não há como mensurá-los, pois é de uma velocidade infinitesimal, o pássaro aparece. No entanto, no interior desta aparição a qual vai se ampliando qualitativamente, eu tenho uma imagem objetual deste pássaro muito longe, distante de mim, mas que vai se alterando de fora para dentro, vai se *perfilando* (HUSSERL, 2006)) gradativamente até surgir em si o pássaro para mim com toda sua qualidade e substancialidade.

Durante este processo de substancialização da imagem objetual do pássaro, há no interior do processo ekstases internas modo temporo-espaciais que vão dando uma certa “concretude” àquela imagem. São, na verdade, estas ekstases que fazem com que a imagem abstrata deixe o seu teor de abstração e passe a constituir uma representação mais envelopada, ou melhor, mais “corporificada”. Este processo reflete muito bem a imagem característica de um amontoado de areia ao se tornar a imagem de um castelo ou um objeto qualquer. Tais ekstases “solidificam” a imagem tornando-a presente e existente. Durante o processo de constituição do conteúdo representado logo após a aparição do objeto, no interior das próprias ekstases que envolvem este conteúdo, há a formação de invisíveis e imperceptíveis pontos de contato de devires que desenham o objeto representado na mente. Estes pontos de contato dentro das ekstases são halos temporais ou pontos de luz que convocam os devires a se reunirem em uma unidade extremamente coesa de apreensão destes pontos de luz. Tais ekstases internas à representação do objeto são constituídas por esses halos temporais que dão “forma” a mais semelhante possível em relação ao objeto apreendido espacialmente. No interior de cada representação do objeto, há pontos de contato que se coadunam e se refletem entre si, ou seja, com outros pontos de contato, formando o constituinte objetual apreendido pela mente. Esta dinâmica representacional é própria da constituição sgnica do objeto apreendido. Todo signo só é possível ser signo, ou seja, só tem existência como signo na mente interpretante (PEIRCE, 1977). Com aqueles pontos de contato intrinsecamente conectados entre si, da passagem de um Múltiplo a apenas Um, a imagem objetual está digamos “pronta” para sofrer agora o processo de apreensão significativa ou axiológica. Completadas as ekstases, a



imagem objetual não é mais imagem amorfa ou reduzida, mas um signo, possui uma certa significância. Este *signo* ou este *senal* seria a substância corporificada do objeto.

Tornado agora o objeto um “corpúsculo” na mente, visível e completo, a mente passa a receber de seu próprio aparelho perceptivo a imagem “completa” do tal pássaro. Vejam como o processo de constituição de um objeto na mente é lento, possui determinadas etapas e não aparece do nada. Há, no entanto, invisíveis (ou semióticos) pontos de contato no processo de representação os quais sugerem uma constituição amplamente complexa e abstrata. Uma pergunta que viria: como o fenômeno em si do objeto ali fora de mim seria convidado a participar ou a ser introjetado no interior da minha mente? Como o fenômeno do objeto em si passa a ser também um fenômeno no interior de minha mente para por fim ser representado? No caso de um objeto visto para fora de mim como uma mesa, de que forma este objeto passa para dentro de minha mente? O fenômeno de ver o objeto seria o mesmo fenômeno de representá-lo? Como foi dito antes, o representar neste caso não seria apenas um mero espelhamento ou uma mera *mimesis* da realidade (ARISTÓTELES, 2015). E, mesmo que fosse, como se daria este processo de espelhamento? O que se encontra no interior deste processo de espelhamento? Eu veria o objeto apenas à minha frente e a mente espelhá-lo-ia? O fenômeno em si do objeto é um, o fenômeno de representá-lo em mim é outro. São duas naturezas inteiramente distintas. O fenômeno que é próprio da substância objetual parte da própria constituição espacial do objeto, seu constituinte constitui-se a si próprio espacialmente. Há no interior dele, uma estrutura complexa atômica bem como anímica. Seria o corpo e a alma do objeto (se pudermos falar assim). Seu corpo seria as complexas sínteses dos átomos em ligação consigo, enquanto sua alma seria seu próprio movimento por natureza anímico. Sem esquecer que toda esta constituição espacial do objeto se dá também com as suas relações temporais ou temporalizantes. Como uma coisa em si deixa o seu estado de coisa em si e passa a pertencer à massa psíquica? Já o fenômeno da representação em si é de outra ordem. Contém claro corpo e alma, corporificação e animosidade assim como o objeto contém, mas, além disto, estamos contando com toda a complexidade de um aparelho perceptivo que percebe, reflete, pensa, examina, sintetiza, enfim, representa. O objeto ou a coisa em si não consegue jamais por ele mesmo representá-lo. Não há para isto uma alma no nível complexo da ontogênese humana. Sua alma objetual é apenas de movimento, de alteração ou mudança em que todo este trabalho de modificação se dá mais no tempo do que na própria coisa ou em sua coisalidade.

Tudo se passa como se a coisalidade do fenômeno da coisa “emprestasse” o seu teor substancial à ideia para representação. Mas, de todo modo, o que há no *intervalo* entre a visão perceptiva do objeto à minha frente apreendido e a coisa no interior de minha mente? O que haveria no interstício desta relação aparentemente contígua? Dito com outras palavras, o que há antes da impressão que eu passo a



ter da imagem objetual? Como esta imagem do objeto vem a mim? Eu a interiorizo e nada mais? O que há, portanto, no interior desta interiorização? Tudo passa como se o fenômeno em si do objeto provocasse nele mesmo uma *abertura* para representá-lo. É como se precisássemos de sua ordem para ele passar a fazer parte de minha inteligência. O objeto ou a coisa em si nele mesmo está pronto, feito, fabricado, não passa de um *utensílio* (HEIDEGGER, 2015) para mim, no entanto, quando a mente o apreende, ele não passa a constituir em mim com esta mesma completude pré-delineada, não! O objeto quando passa ao interior de mim mesmo ele perde qualitativamente sua completa estrutura de substância, ou melhor, ele se desintegra no interior de mim e passa a novamente evoluir ou crescer qualitativamente até se constituir como objeto propriamente dito. Seu invólucro atual e espacial não passa a me pertencer, é como se a mente tivesse todo o trabalho à frente para reconstitui-lo, reconduzi-lo novamente, reintrojé-lo. Com esta reinteriorização, o objeto começa a se revelar do início para mim. Digamos que para todo objeto que passa a ser representado por mim, há inicialmente um ponto germinativo ou originário que começa tudo do começo. Não é que eu o vejo e assim ele já faz parte de mim. Não é bem assim.

Entre a percepção do objeto à minha frente e a sua conseqüente ou posterior representação a qual acontece no mesmo instante, com intervalos quase simultâneos, há o aparecimento fantasmático do nada objetual. Deva haver algum tipo de relacionamento entre os nadas: entre o nada do objeto que paira no ar antes da representação e o nada da consciência pensante que “aguarda” a conseqüente apreensão. Deva haver no interior deste relacionamento entre nadas, algum ponto de contato, algum tipo de unidade que faz unir estas duas relações entre nadas. Até aqui isto parece ser um tema ainda muito enigmático. O que pode haver no interior deste relacionamento entre nadas? De onde surgem, se caso existam, estes pontos de contato que passam a unir os dois nadas, o do objeto e o da representação? O que há de análogo nisto que os fazem se unir? Cremos na suposição de que ao o objeto no espaço *doar de si* a sua substância objetual à representação de seu conteúdo na mente, por um instante infinitesimal, ele paira no ar, ele de algum modo fica ainda *sobrevivente* na atmosfera, de algum modo deva haver algum tipo de força (não sabendo qual ainda) que faz com que o objeto continue a *manter* de algum modo a sua substancialidade. Suponhamos que este objeto se mantém ainda íntegro numa *atmosfera* do nada objetual. Deva haver um nada possivelmente abstrato em que nada se move, embora muita coisa se altera. Suponhamos que no interior deste nada objetual haja ainda formações invisíveis e imperceptíveis de essências imanentes ao objeto as quais mantêm-no ainda “vivo”, ainda sobrevivente.

Deva haver algum tipo de síntese abstrata eidética imanente ao nada objetual a qual “prepara” o objeto para ser convocado à mente. Seria um tipo de síntese que fazia com que o objeto *continue existindo* mesmo ainda fora da consciência. Um tipo de nada que não seria ainda um nada puro, mas um tipo de nada que *sustenta* um objeto, ou melhor, um nada dentro de um objeto ou o objeto dentro de um



nada. Não seria ainda um vazio justamente porque este nada contém um objeto. Mas tudo se passa como se o objeto ou a sua objetualidade fora de si e fora da consciência ainda permanecesse com sua característica de substancialidade. Seria como se o nada objetual no interior deste nada fosse com ele próprio uma substância. Conservando no nada sua objetualidade, conserva também sua forma, sua qualidade de ser um objeto. Não seria ainda uma conservação de sua imagem porque claro não foi ainda introjetado pela consciência, mas seria ainda um tipo de conservação que conservasse a unidade do objeto, repito sua qualidade de ser objeto. Suponhamos que este nada objetual paira no vácuo, ou melhor, nem no vácuo, mas em algum tipo de instância temporalizante. Talvez nem seria a espacialidade que o mantivesse porque ele ainda é um nada, mas de todo modo haveria por si alguma instância ou realidade do tempo que se interligasse ao nada objetual e o mantivesse “preso” em um tipo de instancialidade. Até porque o objeto no nada objetual ainda conserva sua substância e nesta sua conservação ele mantém íntegro a imagem do objeto percebido. Antes da apreensão por parte da mente e depois do aparecimento do objeto no espaço, a imagem do objeto é convocada a manter no nada objetual. Há algum tipo de essencialidade no nada objetual junto à sua temporalidade própria. Não é mais a visão perceptiva e muito menos a consequente representação que está em processo, mas uma pura *nadificação* (SARTRE, 2015) do nada objetual.

Há algum tipo de *continuidade* no interior do nada objetual a qual passa a evoluir qualitativamente, deva haver algum tipo de modificação pelo menos eidética que faz o nada objetual manter na solidão de sua própria presença. Uma presença de modo nenhum dupla, de objeto e de nada, mas uma presença única, unitária, como se o objeto fosse o nada e o nada fosse o objeto. Frisemos: não é bem um nada, nada puro, mas um nada o qual contém um objeto. Um nada que de algum modo conserva a objetualidade do objeto. Porque logo depois que eu vi o objeto à minha frente, ele não vem logo de vez, num único movimento, à minha consciência. Frisamos novamente: ele paira em algum ponto transatmosférico, ele deva residir em algum ponto temporal do qual o nada seria o “lugar” o qual sustenta a imagem objetual. Assim que eu vejo o objeto, este objeto “transformasse” em imagem e antes que esta imagem sobrevenha à minha mente, há um possível nada objetual o qual mantém o objeto fora da consciência. Neste “manter-se fora da consciência”, o nada passa a ser um nada objetual porque entre uma coisa e outra, neste intervalo, há uma autonomia do nada objetual no qual o objeto “se alimenta” do nada e o nada “se alimenta” do objeto para assim os dois manterem “vivos”, sobreviventes. Como dito antes, há uma unidade, há uma imbricação, os dois juntos são. Um porque o nada nele mesmo só pode ser um nada puro, enquanto o objeto nele mesmo só pode ser o objeto que está inerte no espaço. Neste caso, o nada objetual seria um ponto interseccional fora do objeto nele mesmo e fora da consciência, no entanto, há um ponto interacional entre os dois fora que estando fora ainda assim “espera” a apreensão



por parte da consciência do conteúdo objetual. Não há como o objeto após “transformar” em imagem voltar, regredir para o seu estado inerte, pois no momento em que a consciência vê o objeto, ela no mesmo instante o apreende. O caso é que antes desta apreensão por parte da consciência, há a formação deste nada objetual.

É importante dizer que o nada objetual não mantém necessariamente o objeto tal como ele é, mas conserva sim sua objetualidade até porque todo o processo é puramente uma abstração. O nada objetual é um nada abstrato de cuja abstração conserva o fenômeno do objeto percebido. Conservando sim sua objetualidade e não sendo o objeto propriamente dito, podemos falar ainda não também de uma objetualidade em si porque “objetualidade” faz crer ainda no objeto, mas podemos falar de uma *elementaridade*, ou seja, o nada objetual conserva o objeto enquanto *elemento*, enquanto *coisa elementar*. “Elemento” e não “objeto” promove mais uma autenticidade à coisa do nada objetual, pois “elemento” quer dizer o mesmo que “qualidade”. Conservando sua qualidade, conserva sua continuidade anterior ontológica do objeto visto pela primeira vez. Sendo assim, não há nenhum tipo de perda da substancialidade do objeto, nem também nenhum tipo de acréscimo, o que há é uma *continuidade* ou apenas uma *passagem* do objeto espacial que agora se tornou imagem e, no processo de constituição da imagem, passou logo em seguida para o nada objetual. Antes deste objeto fazer parte da consciência, o nada objetual constitui-se nele mesmo de essências, de momentos eidéticos os quais acabam por preservar sua qualidade objetual. Não é que haja entre o nada objetual outros nadas, não! Há um único e solitário nada do qual ele mesmo é o único objetual. Junto com os devires dele mesmo, as modificações encontradas no interior do nada objetual são apenas modificações de sua essência enquanto objeto que até aqui podemos dizer que estes seres temporais (os devires) não fazem nada a não ser manter o objeto ainda em estado abstrativo e com uma certa qualidade. É como se o nada objetual mantivesse o teor do fenômeno, ou seja, é como se o nada objetual fosse ele mesmo um fenômeno único e sem nenhuma *participação* de algum tipo de relação psíquica. Assim, não há nenhum confronto com a matéria anterior do objeto inerte, nem com nenhum tipo de consciência. Neste caso, o nada objetual seria além de transcorpóreo, transdimensional. A única instância que o atinge por todos os lados é a temporalidade, que esta sabemos que a tudo devora. Em síntese, podemos dizer que, com estas indagações aqui, damos um passo em direção ao império do nada objetual.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



HEGEL, G. **Ciência da lógica**: a doutrina do ser. São Paulo: Editora Vozes, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Petrópolis: Editor Vozes, 2015.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

SARTRE, J-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 31 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima